

Em defesa da autodireção

O que Tocqueville, Aristóteles e Mill compreenderam sobre a autonomia humana

[INSTITUTO COSMOS](#)

22 DE JULHO DE 2025

Na primavera de 1831, Alexis de Tocqueville pisou pela primeira vez em solo americano. O que ele encontrou lá mudaria sua compreensão do potencial humano.

Viajando pelas cidades da Nova Inglaterra, o jovem aristocrata francês testemunhou uma forma de organização social que parecia quase estranha aos seus olhos europeus. Na França, os cidadãos olhavam para Paris, para os prefeitos, para os órgãos centralizados, em busca de permissão para agir. Todos os projetos locais precisavam da aprovação de autoridades distantes. O resultado era uma população acostumada à dependência.



Mas nessas cidades americanas, os cidadãos confiavam uns nos outros e em seu próprio julgamento. Fundavam escolas quando seus filhos precisavam de educação, construíam pontes quando o comércio exigia passagem, organizavam brigadas de incêndio quando as casas pegavam fogo. Ninguém lhes ensinara a pedir permissão; ninguém lhes concedera autoridade. Eles agiam por meio de sua própria deliberação e desenvolviam sua capacidade de julgamento através da prática.

A profunda percepção de Tocqueville era a seguinte: quando os cidadãos estão habituados a depender dos outros para todas as suas escolhas, eles gradualmente perdem a capacidade de escolher. No entanto, quando deixados livres para exercer seu julgamento, eles se tornam energizados e empoderados através da prática.

O que ele testemunhou nessas cidades foi a autonomia humana em ação — o exercício vigoroso das capacidades individuais de autodireção — e seus efeitos tanto no indivíduo quanto na comunidade. A cultura de cidadania ativa dos primórdios dos Estados Unidos criou o que ele reconheceu como a defesa essencial da democracia contra um tipo de submissão gentil que ele chamou de “despotismo brando”.

A autonomia como bem humano fundamental

Este ensaio apresenta uma afirmação fundamental: para prosperar como seres humanos, é preciso mais do que conforto, eficiência ou domínio da natureza. **Os maiores bens da vida humana — amizade, família, sabedoria, esforço criativo — não podem ser entregues a nós prontos. Eles devem ser buscados por meio de esforços motivados por nós mesmos.**

Para ativar e realizar nosso potencial, **precisamos explorar o mundo de forma voluntária: encontrá-lo, experimentá-lo, apreciá-lo, sofrer com ele.** Precisamos experimentar e **descobrir por nós mesmos os padrões que levam ao florescimento e ter espaço para discutir e compartilhar o que aprendemos.**

Isso é importante tanto individualmente quanto coletivamente. **A pessoa que vive de acordo com as escolhas dos outros, por mais sábias que sejam, não consegue desenvolver o autoconhecimento que vem da luta com decisões difíceis nem experimentar a satisfação de perseguir projetos que surgem de seus próprios compromissos.** Mais fundamentalmente, **ela não consegue se tornar quem deveria ser**, porque esse processo requer o exercício da escolha ao longo do tempo.

A autonomia também permite nossas maiores conquistas coletivas. A democracia depende de cidadãos capazes de formar convicções profundas sobre o que é importante, deliberar cuidadosamente sobre bens concorrentes e se unir para realizar aspirações comuns. **Sem essa capacidade de julgamento independente, a democracia degenera no que Tocqueville alertou: uma espécie de despotismo brando**, em que os cidadãos perdem gradualmente a capacidade de se governar.

A ciência depende do mesmo princípio do julgamento autônomo — uma república de pesquisadores que podem formular hipóteses, criticar e revisar sem medo do veto doutrinário. Os principais avanços científicos tendem a surgir da investigação autônoma. Quando a autoridade se sobrepõe a essa liberdade, como aconteceu com Galileu sob a Inquisição ou com a genética soviética sob Lysenko, as descobertas estagnam e os erros se consolidam.

Quando habitualmente delegamos nosso julgamento — seja a especialistas, algoritmos, autoridades, partidos políticos ou à opinião da maioria —, gradualmente corroemos a capacidade de pensamento independente que torna possível tanto o florescimento pessoal quanto as conquistas coletivas.

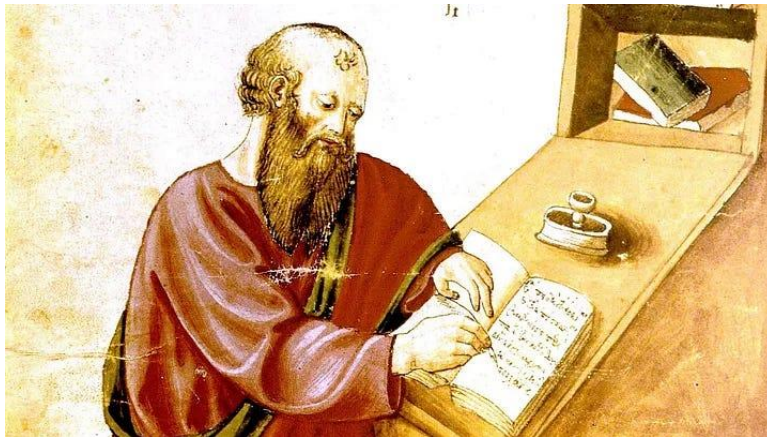
Os fundamentos filosóficos da autonomia

Uma ambição central do progresso do Iluminismo tem sido aumentar a autonomia humana. O objetivo era permitir que os indivíduos se educassem, vivessem de acordo com seus próprios conhecimentos e escolhas e realizassem suas aspirações.

Immanuel Kant capturou esse espírito quando canalizou a máxima de Horácio “Sapere Aude”: ouse saber, tenha coragem de usar seu próprio entendimento. Essa era a promessa do Iluminismo: que as pessoas comuns poderiam se libertar da tradição e da autoridade para pensar por si mesmas.

A referência de Kant a Horácio era reveladora — ela mostrava que o ideal de autonomia do Iluminismo tinha raízes antigas. Os fundamentos filosóficos da autodireção remontam aos pensadores que primeiro se debateram com o significado de viver bem como seres racionais.

Aristóteles: A Base Racional do Autogoverno



Aristóteles começa com uma pergunta simples: o que faz uma coisa desempenhar bem a sua função? Uma faca é boa quando corta bem; ele defende que um ser humano é bom quando exerce bem a razão. Isso faz parte da nossa natureza e é o que nos torna distintos como seres humanos. Portanto, **para Aristóteles, a excelência humana é a atividade da alma guiada pela razão, de acordo com a virtude, mantida ao longo de uma vida completa. Essa excelência racional requer prática ativa, não mera compreensão.**

A razão prática organiza fins subordinados (comida, dinheiro, reputação) em prol de fins intermediários (saúde, ordem cívica), que, por sua vez, servem ao fim último: a Eudaimonia¹. Aristóteles insiste que a cadeia deve terminar: se fosse infinita, a busca

¹ Nota inserida por mim, Mari, mas de autoria do Claude, quando pedi para ele elucidar o que seria Eudamonia, no contexto Aristotélico:

Eudaimonia (εὐδαιμονία) é um conceito central na filosofia de Aristóteles que geralmente é traduzido como "felicidade" - mas essa tradução é bem inadequada! (Continua na próxima página)

O Problema da Tradução

"Felicidade" em português moderno sugere um estado emocional prazeroso, algo que você sente. Mas eudaimonia é muito mais profundo e complexo. Outras traduções tentadas incluem:

- **Florescimento humano** (talvez a melhor)
- **Vida plena**
- **Bem-estar completo**
- **Realização humana**
- **Vida bem vivida**

O Que Realmente Significa

Para Aristóteles, eudaimonia é:

1. **Uma atividade, não um sentimento** - É viver de certa maneira, não apenas sentir-se bem
2. **Objetivo e universal** - Não é "o que te faz feliz", mas o que objetivamente constitui uma vida humana excelente
3. **Exercício das virtudes** - Realizar plenamente seu potencial humano através da prática das virtudes (coragem, justiça, sabedoria, etc.)
4. **Ao longo de uma vida completa** - Não é um momento, mas o arco inteiro de uma existência

Uma Analogia Útil

seria “vazia e fútil”. A Eudaimonia a encerra como um fim autossuficiente e baseado na atividade. A capacidade de escolha racional nos permite conduzir essa hierarquia por nós mesmos. **Se o apetite, a moda ou, hoje em dia, um algoritmo ditam seus fins, a hierarquia entra em colapso e se transforma em heteronomia (governo por outros, em vez de autogoverno).**

A verdade moral é passível de ação, não meramente contemplativa. Um aluno que “segue seus sentimentos”, mas nunca age com justiça, não ganha nada; a virtude só é formada pela repetição de ações justas e corajosas.

A autogovernança racional, nessa visão, significa alinhamento com um bem humano universal: o indivíduo organiza conscientemente seus meios e ações diárias para expressar o fim final compartilhado. Essa é a autonomia em sua forma clássica — não a autoinvenção, mas a autodireção em direção a um bem humano universal. Pensadores posteriores flexibilizam ou reformulam essa ideia — tratando o fim último em si como plural ou autoinventado —, mas a versão de Aristóteles é objetiva, comum e baseada em nossa natureza, não como indivíduos, mas como seres humanos.

Humboldt: Autonomia como auto cultivo (Bildung)



Wilhelm von Humboldt acreditava na “importância absoluta e essencial do desenvolvimento humano em toda a sua rica diversidade”. Enquanto Aristóteles enfatizava um fim final comum, Humboldt celebrava a diversidade individual como o

Pense numa planta: quando dizemos que uma planta está “florescendo”, não queremos dizer que ela está “feliz”. Queremos dizer que ela está realizando plenamente sua natureza - crescendo vigorosamente, produzindo folhas saudáveis, dando frutos.

Para Aristóteles, eudaimonia é o “florescimento humano” - quando realizamos plenamente nossa natureza racional e social através do exercício excelente de nossas capacidades distintivamente humanas.

Por Que Importa no Contexto do Artigo

No artigo que você compartilhou, eudaimonia aparece como o “fim último” - o objetivo final que organiza todos os outros objetivos da vida. Aristóteles argumenta que precisamos desse ponto final, senão nossa busca seria “vazia e fútil”, sempre perseguindo meios sem um fim definitivo.

A autonomia, nessa visão aristotélica, é nossa capacidade de organizar racionalmente nossas ações e escolhas em direção a esse florescimento humano completo. Não é inventar seus próprios valores do nada, mas direcionar-se conscientemente para realizar seu potencial humano pleno.

É bem diferente da ideia moderna de “faça o que te faz feliz”!

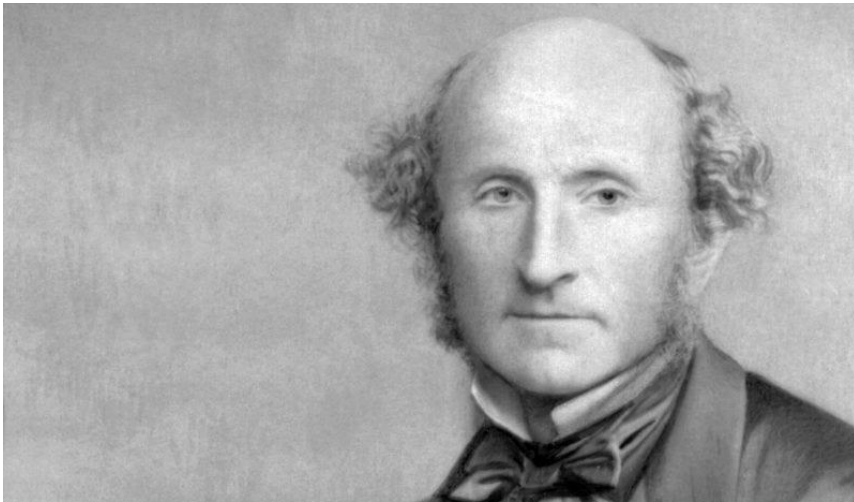
caminho para o florescimento humano. Para ele, cada pessoa deveria se tornar um “todo completo e consistente”, aproveitando toda a paleta de experiências humanas. Para alcançar isso, ele enfatiza (i) uma variedade de situações, (ii) o desenvolvimento mais elevado e harmonioso das faculdades e (iii) os ditames eternos e imutáveis da razão. O pensamento de Humboldt entrelaça três vertentes distintas:

1. **Vertente romântica/faustiana—Variedade inquieta:** Na esteira do Fausto, de Goethe, o romantismo alemão do início do século XIX glorifica a exploração incessante: novas sensações, novas artes, línguas estrangeiras, montanhas distantes. Humboldt adota isso como o motor da Bildung: poderes latentes só despertam quando estimulados por experiências diversas.
2. **Vertente helenística (grega)—Forma harmoniosa:** Olhando para a Grécia clássica, Humboldt admira o ideal de excelência equilibrada e proporcionada — mente, corpo e caráter apoiando-se mutuamente como colunas de um templo. Os critérios de harmonia correspondem aos de uma obra de arte, onde não é possível especificar uma fórmula antecipadamente, mas é possível reconhecê-la quando a vemos.
3. **Vertente kantiana—O limite moral:** De seu contemporâneo Kant, ele retoma a injunção de tratar cada pessoa como um fim em si mesma. A função do Estado é negativa e universal: garantir direitos iguais, impedir a coerção e, então, manter-se à margem. Essa barreira moral garante que a expansão de um indivíduo nunca esmague a de outro.

Essas vertentes são logicamente independentes. Você pode desejar variedade, mas ignorar a harmonia (romantismo puro), ou valorizar a harmonia, mas impô-la coercitivamente (um autoritarismo de influência grega), ou pregar o dever kantiano enquanto sufoca a individualidade. É a presença simultânea dessas vertentes — exploração incansável, equilíbrio interno e respeito pelos outros — que proporciona a autonomia genuína.

Para Humboldt, essa visão de autonomia molda o papel adequado do Estado. O governo não deve agir como um pastor, mas como um árbitro: manter o campo de jogo dos direitos e, então, recuar. Um governo superprotetor, seja por meio de regulamentação excessiva, uniformidade educacional ou sufocamento da iniciativa local, minam a energia e a individualidade das quais depende o progresso humano. O mesmo se aplicaria aos curadores algorítmicos que nivelam as diferenças com o objetivo de otimização.

Moinho: Autonomia como capacidade permanente



Para John Stuart Mill, autonomia designa “as capacidades e oportunidades envolvidas na tomada de decisões autocríticas e imaginativas”. Assim como a força física, ela se desenvolve com o exercício e se atrofia com o desuso. Tendemos a valorizar mais a autonomia à medida que a desenvolvemos e a valorizar menos quando ela permanece adormecida. Isso torna a autonomia tanto uma capacidade permanente quanto uma gama de opções significativas entre as quais podemos escolher.

Mill não ofereceu nenhuma garantia de que os agentes autônomos tomariam decisões sensatas ou prosperariam. A autonomia não é uma promessa de bons resultados. Mas ela desempenha um papel duplo na vida humana: é causalmente eficaz para a prosperidade e um ingrediente da felicidade profundamente enraizado na natureza da ação humana. Como a autonomia é constitutiva da prosperidade humana, e não meramente instrumental para ela, os ganhos paternalistas em termos de bem-estar não podem simplesmente superar suas perdas.

Duas condições principais tornam a autonomia possível. Primeiro, segurança, com a qual ele se referia à proteção confiável da vida, da propriedade e das expectativas razoáveis. Segundo, a liberdade, com a qual ele se referia às liberdades clássicas de pensamento, discussão, associação e movimento. Sem esses fundamentos, não podemos exercer nossos poderes autônomos. Para desenvolver a autonomia, Mill argumentou que precisamos de “experiências de vida” — experiências diversas que auxiliam o autoconhecimento e nos ajudam a descobrir o que é autenticamente nosso. Essas experiências são o método preferido de Mill para cultivar a capacidade de autodireção.

O que a tradição revela

Esses três pensadores convergem para uma profunda percepção: a autonomia humana deve ser desenvolvida ativamente a partir de nossas capacidades naturais, por meio do tipo certo de reflexão e engajamento com o mundo.

Aristóteles estabelece os fundamentos: autogoverno racional voltado para o florescimento humano. Humboldt enriquece essa ideia ao mostrar que tal governança requer o desenvolvimento de todas as faculdades humanas (razão, emoção, criatividade, sensibilidade estética) por meio de experiências diversas. Mill completa o quadro ao demonstrar que esse desenvolvimento ocorre por meio da prática

disciplinada da tomada de decisões em condições que permitem a experimentação genuína.

O que emerge é a autonomia como julgamento desenvolvido através da experiência e exercido através da escolha. Isso explica por que Aristóteles enfatizou a habituação, por que Humboldt insistiu na variedade de experiências e por que Mill defendeu experiências na vida. Cada um deles reconheceu que a autonomia deve ser desenvolvida através da prática.

A partir desta síntese: Autonomia é a capacidade cultivada de deliberar bem sobre como viver, revisar a própria compreensão através da experiência e agir de acordo com o próprio julgamento dentro de uma comunidade que reconhece essa mesma capacidade nos outros.

Isso esclarece a distinção entre autonomia e mera agência, termos que são frequentemente confundidos. Agência (do latim “agir”) executa escolhas; autonomia (do grego “autogoverno”) cria vidas. Você pode ter agência enquanto é levado a resultados otimizados por algoritmos: o mecanismo de escolha funciona, mas você não é o autor dos seus fins. Mas a autonomia requer o desenvolvimento do julgamento por meio do seu próprio envolvimento com alternativas, a formação de convicções por meio da sua própria reflexão e a construção do caráter por meio das suas próprias escolhas ao longo do tempo.

A agência sem autonomia é vazia: uma escolha sofisticada e execução sem um propósito genuíno. A autonomia sem agência é impotência: uma visão clara do que é importante, mas sem poder para persegui-la. Ambas são necessárias, mas a autonomia fornece a base que transforma a escolha e a execução em autogestão genuína.

Se autonomia é a capacidade cultivada de autodireção, desenvolvida através da prática, reflexão e escolha ao longo do tempo, então nossa relação com os sistemas de IA determinará que tipo de seres nos tornaremos. Os hábitos que formamos hoje — quer cultivemos nosso próprio julgamento ou nos submetamos habitualmente aos sistemas de IA — moldarão a própria natureza humana. As gerações futuras se desenvolverão de forma autônoma ou se tornarão cada vez mais hábeis em seguir orientações algorítmicas?



This essay is a condensed version of talks Brendan McCord gave for [Oxford's AI x Philosophy graduate seminar](#), and for AI Ethics and Society graduate students at the University of Cambridge.

[*Cosmos Institute*](#) is the Academy for Philosopher-Builders, with programs, grants, events, and fellowships for those building AI for human flourishing.